

COMO
SE LIVRAR
DE UM
MAU



CASAMENTO!

**Quando uma
terceira pessoa
entra na relação**





**A princípio, tudo vai muito bem
no casamento de duas
pessoas até que...**

**...uma terceira pessoa "entra"
no relacionamento deles,
transtornando todos os
acordos até ali firmados.**



Estamos nos referindo ao pequeno bebê, a quem, normalmente, os pais muito querem.

O lindo bebê que "entra" no relacionamento jamais tem o intuito de boicotar um relacionamento.



Mesmo quando a gravidez é planejada e o bebê aguardado com ansiedade, o que os pais não esperam é que terão que passar por tantas mudanças com a chegada de um pequenino ser.



Na verdade, a vida familiar é extremamente dinâmica. Cada vez que um membro entra para a família ou sai dela, seja por nascimento, morte ou mudança, são necessários novos ajustes que afetarão definitivamente o funcionamento familiar e a relativa harmonia atingida até aquela fase.



Um filho, por mais que seja desejado e aguardado com alegria, modifica as relações da família. Primeiro porque um filho cria novos papéis familiares. No caso do primeiro filho, pai e mãe são estreatantes em seus papéis, o que gera neles uma natural insegurança no exercício daquilo que é novidade.



A gravidez, em si, é uma mudança que pode provocar as mais diversas reações nos cônjuges.

Para muitos casais, esse é um delicioso período de expectativas mútuas.



Mas, para outros casais, é um tempo penoso que adota diferentes formas.

Algumas mulheres sofrem de "desejos incontrolláveis", ligados a sensações gustativas, olfativas ou táteis, que podem ser interpretados como devaneios (fantasias) pelos cônjuges.



**Estes "desejos incontrolláveis"
em algumas mulheres se
manifestam com o desejo de
beber água da chuva; já
outras desejam a todo custo
amassar areia; e ainda
existem aquelas que desejam
lamber tijolos de barro.
E você, que desejos teve
durante a gravidez?**



Parte desses desejos explica-se pelas mudanças hormonais produzidas na gravidez. Assim, cabe aos maridos um pouco mais de compreensão no que se refere a estes "desejos incontrolláveis". É momento de demonstrar carinho, ternura e muita paciência.



Além disso, a mulher grávida se mantém num estado de temor mais ou menos generalizado; tem medo de morrer durante o parto, já que tem ouvido de outras pessoas que isto sucedeu com amigas próximas.



Tem temor de não ser suficientemente forte para resistir ao esforço que promove a gravidez e o parto.

Tem medo das dores e sequelas que podem ocorrer após o parto.

Tem medo de ter um filho anormal; medo que a criança herde enfermidades de membros da família; etc.



Muitos destes medos são infundados e obedecem muitas vezes a um sentimento de culpa por um filho não esperado; pelo fato de ele chegar em meio a dificuldades econômicas; por ouvir e ler sobre casos difíceis; ou, simplesmente pelo efeito das mudanças que está sofrendo seu organismo.



Muitos destes temores desaparecem simplesmente quando a mulher os compartilha com seu esposo, com uma amiga, com o médico, com os casais amigos do Grupo de Casais ou com um conselheiro.



Paralelamente, o marido pode sofrer algum estado de angústia. A gravidez não afeta fisicamente o homem, mas afeta as relações dele com a esposa.

Assim, o marido também está sujeito a uma série de acontecimentos psicológicos resultantes da gravidez.



O marido pode reagir de diversas maneiras diante da gravidez, desde a euforia até o pânico, dependendo do fato de que ele esperava ou não a gravidez.

Se ele não aceita o estado de sua esposa, poderá rebelar-se e culpá-la.



Se, entretanto, o marido for movido por um sentimento de culpa, poderá mimá-la e compensá-la, tratando-a como uma inválida - o que aumentará ainda mais os temores dela.



Uma aceitação tranquila e alegre da gravidez por parte do marido ajudará a esposa a desfrutar do processo e ajudará a si mesmo no preparo para a paternidade.



O evento da chegada da criança no lar modifica as relações, especialmente o "jogo íntimo a dois", que era exercido pelo casal na resolução de conflitos. Agora, os afetos e as atenções não são mais exclusivos de um para com o outro, mas tornaram-se *triangulares*.



Nessa fase, também não deixarão de acontecer interferências que concorram para o aumento da insegurança. Sempre haverá um familiar ou amigo mais experiente que dirá:

- Você agasalhou demais a criança! Ela fica sem liberdade de mover-se!



Já outro dirá:

***-Você não agasalhou bem o bebê.
Quer que ele pegue um resfriado?***

Com certeza, não faltarão palpites sobre qual a melhor forma de educar, proteger, cuidar da saúde, vestir, etc. por parte de um *expert* de plantão que fará com que os jovens pais se sintam os mais incapazes de todos os seres na face da terra.



Nesta nova caminhada, os jovens pais são confrontados todo o tempo com novas aprendizagens que precisam ser ajustadas a seus esquemas de valores. E isso demanda um novo gasto de energia e muito, **MUITO diálogo entre o casal.**



Além do mais, também se criam novos papéis na família extensa. São tios, primos, avôs e avós que também terão de aprender a lidar com os novos papéis que lhes são outorgados com o nascimento de uma criança.



E são nestas circunstâncias que ouvimos os seguintes dizeres:
"Avô é um burro bravo que o filho amansa para o neto montar".
O dito descreve uma realidade do novo papel de avô, que, na maioria das vezes, é muito exigente com os filhos, mas muito condescendente com os netos.



Por exemplo, os filhos são criados com a terminante proibição de não comer guloseimas antes do almoço; mas... quando os netos visitam o avô no domingo antes do almoço, acabam sempre ganhando uma balinha, um doce ou chocolate de presente.



E ainda por cima, se os pais reclamam da atitude do avô, em geral ele se sai com a frase:

***" Vocês não entendem nada!
Eu já fui pai
e sei como é criar os filhos!"***



Assim, os novos papéis são vivenciados e novos acordos nas relações familiares vão sendo criados, desestabilizando as harmonias atingidas em patamares anteriores.



Trata-se do constante movimento que acontece no sistema familiar, entre a tendência à estabilidade e a tendência à mudança.

Com os novos papéis, também novas tarefas são agregadas ao cotidiano do casal, o que, certamente, demandará novos acordos.



**É importante termos
consciência que bons acordos
estabelecidos na época da
convivência a dois não
necessariamente se repetirão
após o ingresso de um bebê
no sistema familiar.**



O primeiro impasse pode surgir próximo ao final da licença-maternidade: o que fazer com o pequeno bebê quando a esposa (agora também mãe!) tiver que retornar ao trabalho?



A maioria dos casais modernos escolhe colocar seu bebê numa creche e seguir o mesmo ritmo de antes. Pode acontecer que um deles não tenha plena confiança em creches.

O que fazer daí?



Outra possibilidade é encontrar uma pessoa que assuma a função de babá. Mas também aqui pode surgir o medo e a insegurança em confiar a educação do pequeno bebê a uma pessoa estranha, somada a histórias (e sempre tem alguém que as conte) de bebês que foram raptados ou maltratados por babás.



Uma terceira possibilidade é deixarem o pequeno bebê aos cuidados de uma das avós, mas aqui surge o agravante que nem sempre os novos pais concordam com os valores educacionais que as sogras propõem.



Não por fim, existe a possibilidade da esposa assumir integralmente o papel de mãe e deixar seu emprego. Isto pode deixar algumas mulheres frustradas profissionalmente e alguns maridos inseguros quanto à responsabilidade de arcar sozinho com a provisão familiar.



Fora isso, ainda surgem as divergências sobre os detalhes "operacionais" da presença do pequeno infante: os novos custos financeiros; as novas tarefas (preparar comida, dar comida, dar banho, acordar de madrugada para atender o choro do neném, etc.).



Mas também criam-se novos horários; a redução nas vezes de sair de casa (e quantos maridos deixam escapar a frase: "*agora, para sair de casa, é preciso levar uma mudança junto!*"); enfim, uma quantidade nova de acordos que desestabilizam completamente a harmonia que o jovem casal tinha alcançado até então.



Embora pareçam apenas "*detalhes*", quando o casal não se prepara para essas mudanças, as tensões podem rapidamente aumentar, chegando a traduzir-se em discussões, brigas e, em alguns casos, na idéia de separação.



Uma questão extremamente perigosa para o casal neste estágio - talvez a *mais* perigosa de todas - é a renúncia do papel conjugal em favor do papel parental.



A primeira evidência dessa renúncia é quando os cônjuges (ou um deles) deixam de lado os termos carinhosos que usavam no trato de um para com o outro e passam a tratar-se pela função: começam a chamar o cônjuge de "pai" ou de "mãe"!



**Por que isso é perigoso?
Porque o casal pode passar a
viver em função dos filhos, e
não mais em torno do eixo
central da família, que é a
relação conjugal.**



**Progressivamente vai-se
abrindo um espaço entre os
cônjuges que vai sendo
ocupado pelo cuidado com os
filhos e outros afazeres, e que
leva o casal a perder a ternura
conjugal.**



**Quando Deus criou a mulher
(Gn 2.18-25) e a trouxe ao homem,
este a contemplou e logo lhe
chamou de forma carinhosa:**

Isha.

***Isha* significa mulher, esposa,
mulher amada.**

**Isso denota a unidade de
ternura que formava a
humanidade!**



**Entretanto, logo após a queda,
o homem (esposo) troca
acusações com a sua mulher
(esposa) e a ternura se esvai.
Coincidentemente, ele passa a
chamá-la de *Eva*, cujo
significado é "Mãe".**



**Trocou a essência da pessoa
por sua função! Isso é o
mesmo que acontece em
muitos casamentos depois do
nascimento do primeiro filho.**



Podemos, assim, afirmar que a chegada de um filho modifica profundamente a relação do casal e a relação deste com toda a família extensa, pois todo o sistema familiar precisa de um (re)ajuste para incluir o novo ser que nele ingressa.



Esse dinâmico processo de (re)ajustes pode ser resolvido tanto positiva quanto negativamente, levando a família, conseqüentemente, a um crescimento ou a uma estagnação.



Quando o casal resolve essa crise de passagem de forma positiva, estará provavelmente apto para enfrentar as próximas etapas do ciclo vital da família.



E qual é este próximo "ciclo vital" da família?

É aquele que diz respeito ao processo de independência dos filhos - quando estes deixam o ninho e vão se aventurar por sua própria conta e risco.



Por outro lado, quando não há uma boa resolução dessa crise de passagem, ocorrerá um afastamento progressivo entre *Ish* e *Isha* (esposo e esposa), resultando em sentimentos de frustração conjugal e solidão, e abrindo brechas para toda sorte de embates (brigas) por temas insignificantes.



Um lembrete final:

A culpa não é do filho que está chegando. Tampouco a solução está em não ter filhos para evitar essas mudanças.



**O ciclo da vida é dinâmico e a
solução real se encontra na
busca da criatividade
- pelo diálogo -
para que sempre seja possível
encontrar pontos de equilíbrio
relacional que gerem uma
maior satisfação para todos.**



Isso será especialmente importante quando os filhos crescerem e passarem a ser participantes ativos no diálogo e na busca da harmonia familiar, como veremos nos próximos encontros.

Até lá!



Material elaborado
para uso no
Grupo de Casais
da **Igreja Luterana**
em **Ferraz de Vasconcelos.**

Baseado no livro
**“Como se livrar de um mau casamento -
Construindo um relacionamento significativo”,**
de autoria de Carlos Catito Grzybowski

Material compilado por Klaus Dieter Wirth
pastor na Igreja Luterana em Ferraz de Vasconcelos